

Cartas ao Director

Secularização ou desdém pelas culturas

Não sendo inédita a denúncia da confusão de termos e, por consequência, de atitudes que se infiltram na opinião pública, fadoras de exageros, (...) ocorre-nos sucinta reflexão sobre a capciosa secularização do Natal.

O jornal do Vaticano apontou a recente guerra surda contra o Natal nalguns países ocidentais, com especial incidência na Inglaterra, que passa pela omissão de quaisquer símbolos religiosos nos materiais produzidos pelas e para as entidades oficiais e para as instituições que, embora de natureza privada, perseguem o interesse público. A explicação para tal assenta na respeitável ideia de que não se pode ofender quem não possui crença religiosa, particularmente a cristã. Advém ainda, ao menos tacitamente, da ideologia secularizante, que, enviesadamente, julga atingir os seus objectivos ao retirar do discurso, da escrita e da iconografia as referências e símbolos religiosos. E o pretenso laicismo invade as esferas do poder político, as estruturas sociais e os empórios económicos (...).

Ora, se é condenável o mercantilismo escorado nos fenómenos e ícones religiosos, a desviar, tantas vezes, as atenções do essencial para o acessório, episódico ou anedótico, também é de censurar a anulação pura e simples das referências inerentes às efemérides e quadras que evocam dados do transcendente, celebrando festas e solenidades que mobilizam os crentes. Historicamente, os nossos povos autonomizaram-se e cresceram no enquadramento cultural o cristianismo, que, mais tarde, se diversificou no catolicismo e nas outras confissões cristãs. Cedo a Europa se deixou contaminar ou acompanhar pelo islamismo, que venera Cristo como um profeta, e comportou dentro de si o judaísmo, que, reconhecendo a existência do Nazareno, não o aceita como o Messias esperado.

Democraticamente, exige-se o respeito pelas opções de cada um e pela dinâmica das minorias. Todavia, não se podem descurar os direitos e deveres, interesses e perspectivas das maiorias. E, por si, a simples exibição de símbolos culturais e religiosos, ou a sua abordagem, não implica apostolado, agressão ideológica ou

coisa similar. Pelo acarinhamento cultural e pela veneração da História, ninguém pensa destruir, anular ou ocultar museus e monumentos. É a democracia que o postula, é a cultura que o impõe! O mesmo se deve dizer a propósito da celebração das efemérides, que erigem os feriados de que usufruímos, não pensando em os suprimir (...).

Quanto à secularização, ela nada mais é do que a proclamação da autonomia das realidades terrenas frente ao devir do mundo invisível, real ou tido como tal, a independência das ciências, artes, filosofia e política em relação à teologia e às religiões. Mas não se quer dizer que não haja, por vezes, a voluntária e racional interdependência e mútuo enriquecimento. Fica assim a secularização vizinha da aconfessionalidade, que mais não significa que a não tomada de partido, da parte do Estado, por qualquer confissão religiosa, mas assegurando a igualdade de oportunidades e a liberdade de expressão e organização.

Por tudo isto, é de saudar a atitude convergente de muçulmanos e agnósticos que, em Inglaterra, se juntaram aos cristãos para salvar a celebração do Nascimento de Jesus. É justamente do Christian Muslim Forum, iniciativa de cooperação entre cristãos e muçulmanos, que provém um comunicado no qual se afirma que “excluir ou não mencionar um qualquer acontecimento ou celebração religiosa, para evitar ofender alguém, acaba por ofender a maior parte da população”. E Jeff Randall, jornalista do diário The Telegraph, assegura que “muitos não-cristãos estão verdadeiramente perplexos perante este desejo de auto-humilhação” e garante não serem “muçulmanos, judeus ou hindus os que estão por detrás do impulso deste tipo de secularização do Natal”.

Santo Natal!

LOURO DE CARVALHO,
SÃO JOÃO DE VER – SANTA MARIA DA FEIRA